

# “As pessoas serão o maior legado da Copa”

Rodrigo Müzell  
Editoria de Copa



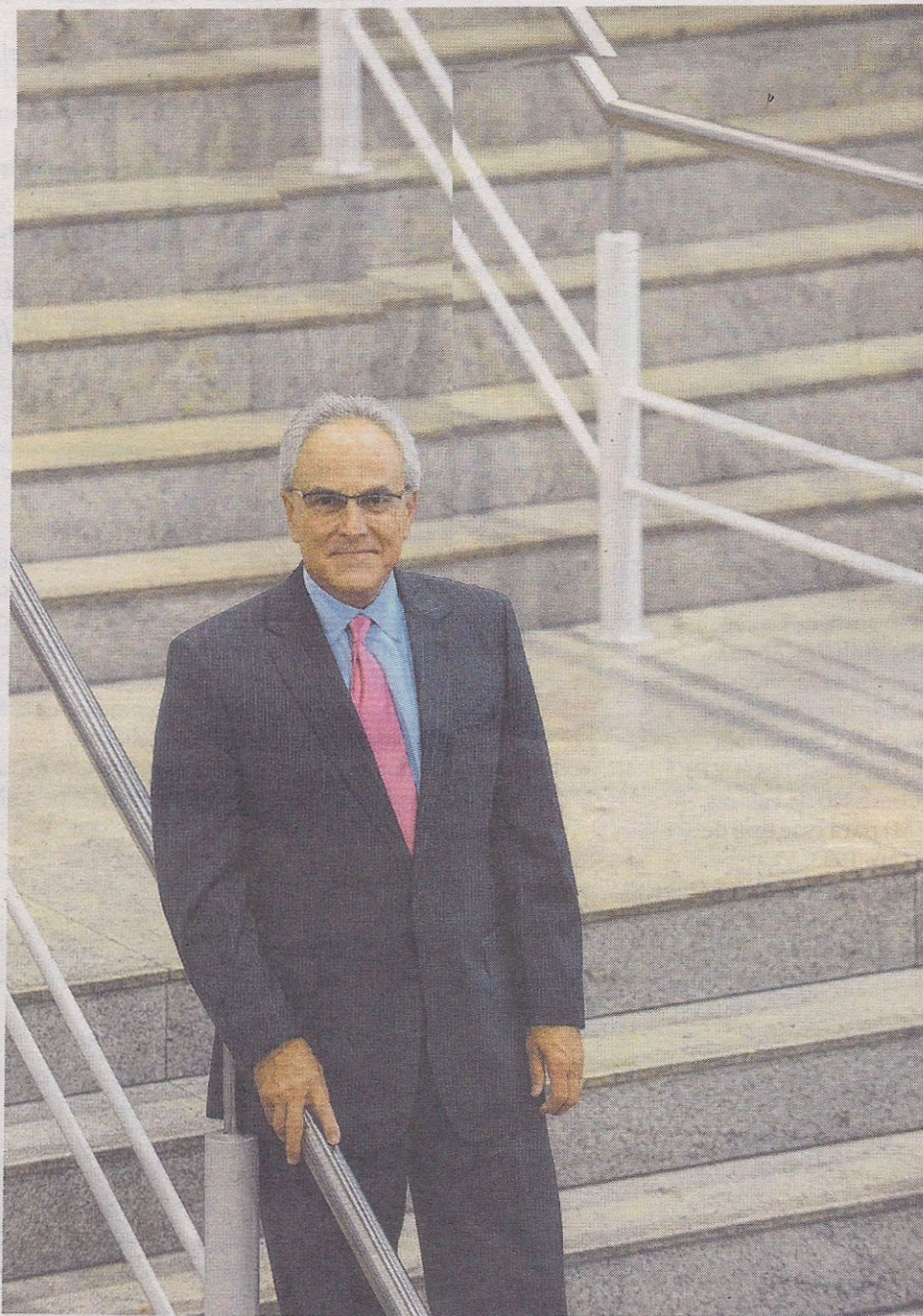
rodrigo.muzeil@zerohora.com.br

Nos próximos seis anos, dois megaeventos colocarão à prova a capacidade do Brasil de se organizar: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Transformar projetos em realidade é a especialidade de Gregory Balestrero, presidente do Project Management Institute (PMI), organização dedicada a treinar outras organizações em gerenciamento de projetos. Engenheiro com 30 anos de experiência na indústria, Balestrero vê na Copa e na Olimpíada uma oportunidade rara para o Brasil não apenas aparecer ao mundo, mas também qualificar o ambiente de negócios dentro do país.

– Quando você investe nas pessoas, o retorno dura mais do que em estádios e estradas – afirmou o americano que esteve em Porto Alegre para o 7º Seminário de Gerenciamento de Projetos, realizado na PUCRS no fim de setembro.

Confira os principais trechos da entrevista concedida a Zero Hora.



FRANCISCO GOMES

**DESAFIO** é provar que brasileiros sabem usar recursos eficientemente e com ética, diz Balestrero

**Zero Hora – Como gerenciar um projeto tão grande como a Copa de 2014?**

**Gregory Balestrero** – É difícil pensar na Copa como um evento isolado, já que haverá a Olimpíada dois anos depois. De certa forma, a Copa pode ser uma preparação para a Olimpíada. Em termos de investimento, os dois eventos devem significar US\$ 20 bilhões em obras. Então, há uma grande oportunidade para o Brasil mostrar ao mundo que é capaz de organizar e atrair investidores para isso.

**ZH – Qual é a importância, para uma Copa, de trazer investimentos privados de fora do país?**

**Balestrero** – O que vai atrair dinheiro de fora é a certeza de que os recursos serão bem investidos. Esse é o desafio: provar que os brasileiros são capazes de usar os recursos eficientemente e com ética.

**ZH – O que significa gastar bem?**

**Balestrero** – Ter um alto grau de transparência e responsabilidade. Isso trará investidores. Além disso, provar que o investimento está sendo bem aplicado, ou seja, por gente com alta qualificação.

**ZH – Em 2007, o Pan-Americano realizado no Rio de Janeiro custou seis vezes mais do que o orçamento original. Isso não afugenta investidores?**

“  
O governo precisa investir em talentos, em vez de apenas deixar os investidores estrangeiros trazerem os profissionais qualificados.”

**Balestrero** – Pode ser. A questão é saber se os organizadores aprenderam com os erros. O Pan, a Copa e a Olimpíada são todos parte de um pacote. Se houvesse apenas um evento, só o Pan, ou só Copa, seria problemático. Mas o fato de a mesma equipe de projetos envolvida no Pan estar também nos outros é positivo, já que leva as experiências e podem não cometer os mesmos erros.

**ZH – Como lidar com o curto prazo restante, menos de quatro anos até a Copa?**

**Balestrero** – Várias coisas já foram feitas. É preciso considerar que a ideia de trazer esses jogos é uma estratégia que já tem 12 anos. Então, não é de um dia para outro que se fará tudo. Além disso, há dinheiro suficiente: o Brasil é um mercado atrativo para investimentos de fora. É interessante para as empresas implantar sistemas de gerenciamento de projetos e ao governo encorajar universidades a terem cursos na área. O governo precisa investir nos talentos, em vez de apenas deixar os investidores estrangeiros trazerem os profissionais qualificados. Quando a Copa e a Olimpíada acabarem, o que ficará será o talento e a qualificação das pessoas.

**ZH – Como harmonizar os vários órgãos de governo e agentes privados envolvidos na organização de uma Copa do Mundo?**

“  
Se tudo der certo, o país servirá de exemplo para o futuro. É uma encruzilhada: se o Brasil for bem-sucedido, gente do mundo todo virá para aprender coisas novas.”

**Balestrero** – Aqui não temos apenas os estádios para cuidar, mas obras das mais diversas, do trem-bala a aeroportos. O melhor caminho seria montar um gabinete que centralize a decisão sobre esses empreendimentos, ligado ao governo, para manter tudo no radar.

**ZH – Boa parte das obras será feita com recursos públicos, cujos trâmites são mais demorados do que na iniciativa privada. É possível ganhar tempo nesse processo?**

**Balestrero** – Nos EUA e na Europa, começa a haver um entendimento da necessidade de certificações em gerenciamento de projetos. Quando é bem feito, acelera as coisas, torna as ações mais transparentes, e seus gestores, responsáveis. Além disso, ajuda a colocar as pessoas em contato, para que trabalhem juntas.

**ZH – Que lições as empresas poderão tirar desses dois empreendimentos que vão marcar a década, a Copa e a Olimpíada, para seus negócios?**

**Balestrero** – Vou dar um exemplo em outra área: a ampliação do canal do Panamá, prevista para terminar em 2014 e que vai aumentar em 50% a capacidade da passagem. Quando começaram o trabalho, a concessionária que opera o canal não entendia bem de gerenciamento de projetos. Das 19 empreiteiras envolvidas, nenhuma tinha algum conhecimento na área. Hoje, a construção educou a todos. O mesmo pode ocorrer no Brasil, em uma escala muito maior. Quando esses megaprojetos terminarem, os profissionais qualificados para eles seguirão em outras áreas, como tecnologia e saúde. Isso melhora a economia.

**ZH – Esse conhecimento gerado pode ser replicado depois?**

**Balestrero** – Certamente. O legado maior da Copa será as pessoas. Computadores, caminhões, máquinas não fazem nada sozinhos. Quando você investe nas pessoas, o retorno ocorre por muito mais tempo, e dura mais do que estádios e estradas. Acredito realmente que, em 2016, o mundo estará olhando o Brasil de forma diferente. Se tudo der certo, o país servirá de exemplo para o futuro. É uma encruzilhada: se o Brasil for bem-sucedido, gente do mundo todo virá para aprender coisas novas. Mas, se não houver um investimento do governo em qualidade para dar conta do recado, há o risco de a imagem ser como a da Grécia, que depois da Olimpíada de 2004 ficou como um mau exemplo.